



## Editorial

São inúmeros os testemunhos do próprio Foucault acerca da importância de Nietzsche para o seu pensamento. Já no “Prefácio” à primeira edição da *História da Loucura*, ele dizia que seu livro se inscrevia “sob o sol da grande pesquisa nietzschiana”. No seu último curso no Collège de France, no começo de 1984 e poucos meses antes de sua morte, curso este dedicado à “coragem da verdade”, a figura central e fundamental do cinismo antigo e de seus desdobramentos posteriores, não pode ser pensada sem esse “neo-cínico” que foi Nietzsche. Assim sendo, num período de 23 anos, o pensamento e a obra de Nietzsche sempre foram uma referência especial para Foucault. Em Nietzsche, Foucault, assim como toda uma geração de filósofos, que não se restringe a França, encontrava a possibilidade de encontrar um modo novo de pensar, uma maneira nova de exercer o papel do filósofo.

Nessa ocasião, em que se relembra os trinta anos da morte de Michel Foucault, apresentamos um dossiê especial dos *Estudos Nietzsche*, dedicado inteiramente à análise das relações que o filósofo francês estabeleceu com Nietzsche. Reeditamos um dos artigos pioneiros acerca desse tema publicado no Brasil, de Oswaldo Giacóia Junior, cujo tema central é a relação entre genealogia e escrita da história. Trata-se de uma contribuição essencial a essa temática e que se encontrava quase que inteiramente esquecido. Além de Giacóia Junior, optamos por apresentar nesse dossiê contribuições de jovens pesquisadores: Felipe Ribeiro, Doutorando em Filosofia na UFRJ, discute a relação entre tempo e genealogia, a partir do confronto de Foucault e Nietzsche com Platão; Alexandre e Filordi e Carlos Eduardo Ribeiro, ambos professores da UNIFESP, apresentam a questão do estilo antidogmático de Nietzsche a partir de um olhar foucaultiano; Fabiano Lemos, professor da UERJ, por sua vez, nos mostra o quanto a genealogia nietzschiana pressupõe um desdobramento da linguagem e de que modo, nesse percurso, Foucault

se apropria dela; Ricardo Dalla Vechia, Doutor em Filosofia pela UNICAMP, analisa a questão da ruptura entre teoria do conhecimento e teologia nos dois pensadores e, por fim, Giovana Temple, professora da UFRB, e Marlon Rodrigues, professor da UEFS, procuram apontar os rastros nietzschianos no interior da questão do prazer, da sexualidade e da normalização do real.

Diferentes abordagens, diferentes perspectivas, que mostram a fecundidade das questões propostas tanto por Nietzsche quanto por Foucault. Elas nos fazem lembrar, por sua vez, que a famosa imagem da teoria como uma “caixa de ferramentas” não implica numa apropriação intuitiva, num “fazer o que se quer fazer”, mas pressupõe o trabalho “cinza” próprio da genealogia, a paciência e o “ruminar”, qualidades e virtudes que Nietzsche desejou para seu “leitor ideal”. E, desse ponto de vista, Foucault foi um “leitor ideal” de Nietzsche. Essa afirmação pode ser constatada pelas inúmeras fichas de apontamentos de suas leituras das obras do filósofo, que se encontram no Fonds Michel Foucault da Biblioteca Nacional da França. No prolongamento dessa disposição, as contribuições desse dossiê se constituem numa homenagem feliz à figura desse filósofo, ligado ao Brasil pelo forte laço dos afetos.

**Ernani Chaves**

Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPA